



Escrever,
você escuta alguma coisa.

Eu comecei a escrever sozinho.

Coloco no que escrevo
o meu mundo.

Nós temos que trabalhar
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço
em todos os livros.

Ler e escrever é parte
de uma necessidade,
nada mais que isso.

A leitura precede a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante
é a minha relação com a escrita.

"No colo de Etelvina
uma peneira.
A mão esquerda

segurando o aro de madeira

mantém a peneira firme
no seu lugar,

enquanto a mão direita
cata o feijão enxofre

jogado no fundo do trançado
do arame fino.

As costas de Etelvina
se curvam em C

e a cabeça
é um holofote que ilumina
um monte de grãos marrons

a ser catados. Aparecem dois
montes frente a frente

e um depósito de sujeiras
ao lado deles.

O monte de cima mais volumoso
vai pouco a pouco perdendo

a dimensão primitiva,
enquanto o de baixo,

inexistente no começo,
vai ganhando volume

ao mesmo tempo que a mão ágil,
se deslocando para a direita,

constrói um depósito
com feijão chocho, pedrinhas,

torrõezinhos de terra
e minúsculos objetos
não identificáveis.

O monte de cima alimenta
o de baixo
até o desaparecimento.

O que era sujo fica limpo.

O que era sujeira é jogado
na lata de lixo.

Fica na peneira um monte grãos
limpos de feijão enxofre.

Os olhos são tão atentos,
que não é preciso
passar os grãos

pelo teste da água.
basta lavá-los

antes de jogá-los na panela
para o cozimento."

[Som de chocalho]

Cada indivíduo tem
a sua originalidade.

Em particular, cada artista
tem a sua originalidade,

cada profissional
tem a sua originalidade.
A minha originalidade

é uma certa facilidade
que eu sempre tive na mistura.

Eu gosto de misturar gêneros.
Eu posso misturar romance

com contos, com poemas,
com ensaios.

Eu gosto de misturar
atividades profissionais.

Eu fui professor
durante 40 anos,
hoje sou aposentado.

Eu sou jornalista bissexto,
por assim dizer,

porque eu colaboro
muito em jornais.

Colaboro muito em jornais
brasileiros, em revistas, etc.

Sou tradutor.
Já traduzi livros, entende?

E, por outro lado, eu tenho,
por uma razão
também inexplicável,

eu tenho uma boa aptidão
para línguas estrangeiras.

Então, obviamente,
eu acho que escrevo
em português direitinho,

e falo português direitinho,
mas meu francês
é quase perfeito.

Eu fiz doutorado na Sorbonne,

fui professor de literatura
francesa nos Estados Unidos.

Meu inglês é bastante bom,
sou bastante fluente em inglês,

sou bastante fluente
em espanhol.

Então, quando
a minha curiosidade
intelectual bate,

uma curiosidade, às vezes,
meio perversa, às vezes,
meio estranha.

Quer dizer, eu posso procurar
livros em uma dessas línguas,

ou eu posso procurar filmes,
ou peças de teatro,

ou informações, ou até mesmo ver
televisão. Eu vejo muito CNN,

eu vejo muito BBC,

e vejo também,
obviamente, a Globo,

Bandeirantes, etc.

Ou a TV Educativa,
que eu vejo bastante.

Então, isso é parte

da minha personalidade.
É parte da minha personalidade.

Eu não direi que é comum.
A maioria das pessoas
tendem a ser

só romancista, só ficcionista,
ou só poeta, ou só professor,

ou ensaísta. Eu me sinto bem.
Pra falar a verdade,
eu me sinto bem.

Não me sinto... não sinto
nenhum constrangimento.

Até mesmo porque, se pensarmos
um pouco na modernidade,

as grandes figuras,
elas foram múltiplas.

Se você pega um T. S. Eliot,
ele era poeta, era dramaturgo,

era crítico.

Você pega Ezra Pound,
a mesma coisa.

Se você pega Octavio Paz,
é a mesma coisa.

Muitos, inclusive ainda
são críticos de arte, etc.

Eu acho que a modernidade
tem essa característica,
ela comporta essa multiplicidade
de atividades profissionais,
multiplicidade de gêneros,
multiplicidade de línguas.
Entende?

De tal maneira que eu me sinto
muito confortável
nesse universo.

[Som de percussão]

Eu não gosto muito,
na carreira de professor,
tentar, se você me permite,
uma palavra grosseira,
tentar "vender" o meu trabalho.
Sabe, eu não gosto mesmo.

Eu sempre evitei "vender"
o meu trabalho.

Agora, que as pessoas
tenham curiosidade
sobre o meu trabalho,

isso só me lisonjeia
e só me honra, entende?

Eu faço todas essas coisas
ao mesmo tempo. São paralelas.

São paralelas. Eu costumo dizer
que se eu tenho uma qualidade

e dessa eu me orgulho,
é a capacidade de trabalho.

Eu sempre trabalhei muito.
Fazia essas atividades paralelas

com grande tranquilidade.
Era isso que estava
tentando dizer,

a tranquilidade na mistura,
entende? Não sentia...
não ficava chateado

por ter que preparar mais aulas
durante o ano letivo,

e poder me dedicar mais a um
romance, por exemplo,

durante as férias.
De maneira nenhuma.

Eu conseguia conjugar.
Eu trabalho bastante.

Eu tenho um horário de trabalho
bastante puxado desde sempre.

Desde sempre eu tive um horário
bastante puxado. Talvez

porque eu fui filho
de um pai patrão.

Eu comecei a trabalhar
muito cedo. Eu comecei
a trabalhar com 12 anos

na loja do meu pai. Uma loja
de artigos dentários de meu pai.

Lá eu era um pouco menino
de entrega. Eu fazia de um tudo

ao mesmo tempo que eu estudava.
Eu tomei bombas.

Uma crise de adolescência
terrível que eu tive,
quando eu descobri exatamente
a arte.
Quando eu descobri a arte,

eu tive uma crise
de adolescência terrível,
tomei bombas.

A partir da faculdade
de Letras, eu saí.

Assim como eu tinha saído
de Formiga vindo
para Belo Horizonte,

eu saí de Belo Horizonte e fui
para o Rio, e do Rio para Paris.

E, a partir daí, a minha
vida se organizou

através do que eu gosto
de chamar de deslocamentos.

[Som de percussão]

Walter Benjamin tem
uma distinção
que eu gosto muito.

Que, num celebre artigo dele.
chamado "Narrador",

ele diz que existem dois tipos
de narradores.

Existe aquele narrador
que é lavrador.

É aquele narrador que
fica na sua própria terra,

que trabalha com o tempo
e que procura cada vez mais

uma determinada autenticidade.
Uma autenticidade daquele povo,

uma autenticidade
daquela região, uma verdade

sobre aquilo que está
acontecendo naquele
pedaço de terra

durante gerações em gerações.
E existe um outro tipo
de narrador,

a que eu me aproximo,
que é o narrador marinho.

O narrador marinho é aquele
que decide sair da sua terra.

Quer dizer, esse outro narrador,
é um narrador -

e aí eu estou mais próximo
de falar da minha
própria experiência -

é um narrador que trabalha
com a noção de espaço,

que trabalha com a noção
de deslocamento.

Ele nunca está satisfeito
com aquilo que ele já tem.

Ele nunca está satisfeito
com aquilo
que ele já conhece,

ele quer sair sempre

para novas descobertas,

ainda que estas
novas descobertas

possam ser cada vez
mais frustrantes
e cada vez distanciando

mais e mais daquilo que,
no início,
lhe era bastante caro.

[Som de chocalho]

Antes de mais nada,

o escritor tem de passar
por um aprendizado.

E esse aprendizado é um contato
que ele tem com a tradição.

Porque nós temos que trabalhar
com os materiais da vida,

e não com os materiais
da natureza.

Então, o escritor, ele tem,

antes de começar a escrever,

ele tem que começar a viver.

É esse ofício de viver
que interessa ao escritor.

É curioso que no meu caso,

eu aprendi através
da observação

de pessoas,
através de pessoas,

de populares que trabalhavam
na minha casa.

A minha poética de escritor,
ela se confunde

com a poética de uma
empregada que catava feijão.

Quer dizer, ela catava feijão,
eu cato palavras.

[Som de percussão]

Quer dizer, esse catar feijão,
que você vê na sua própria casa
naquele momento

é esse mesmo catar as palavras.

Porque quando a gente joga
as palavras na folha de papel,

a gente nunca está satisfeito
com aquela primeira versão.

É preciso

que haja um certo desapontamento
por parte do criador.

É esse desapontamento
por parte do criador,

que vai levá-lo a que?

A reescrever
mais uma vez aquelas frases.

A reescrever uma terceira vez,
e assim sucessivamente.

Até chegar a uma perfeição,
que é a mesma perfeição

que chega um desses artesãos
quando está construindo,

por exemplo, uma roda de um
carro de boi, por exemplo.

Quer dizer, é essa perfeição

que é importante que
a gente chegue.

Que passar a ser o quê?
A busca de uma forma.

É essa forma que dá sentido
a aquela frase,

que vai dar sentido àquele
parágrafo, que vai dar
sentido àquele capítulo.

Se o seu livro tem
uma só leitura,

o seu livro não vale
absolutamente nada.

A graça de Guimarães Rosa
está em ter

aquelas leituras múltiplas,
variadas, diferentes, etc.

Quer dizer, ele foi criando,
ele foi inventando leitores,

os mais diversos
e os mais diferentes.

E é essa soma de leitores,
diversos, diferentes.

Um que se interesse por isso,
aquele que se interessa
por outro,

o que se interessa pelos
aspectos greco-latinos,

outro que se interessa
pela música popular,
outro que se interessa

pelo interior, pela botânica,
por isso, etc. Que dizer,

é essa soma de leitores,
finalmente,

é que é,
não, Guimarães Rosa,

mas é o Grande Sertão Veredas.



Nós somos todos artesãos,
e talvez a literatura,

as artes, de maneira geral,
sejam a última forma

de artesanato em uma sociedade

que se torna mais
e mais tecnológica.

Eu também, e todos os
escritores e todos os artistas,

trabalham com a mão
e com a sensibilidade.

Nós, trabalhamos de maneira
muito modesta, com a palavra.

[Som de percussão]

A sensibilidade dos artesãos
diante da pedra,

diante da madeira,
diante do ferro,

essa capacidade
de saber fazer

aquilo que você sabe fazer.

É isso o ofício da palavra.
Não há diferença nenhuma

entre o ofício da palavra e o
ofício desses artesãos, entende?

É isso que a gente busca.
É uma determinada perfeição,

que está, obviamente,
na forma mais elegante.

Eu gostaria que as minhas frases
fossem muito elegantes.

E as frases fossem
muito elegantes,

que os parágrafos fossem
muito elegantes,

que os capítulos tivessem
uma determinada consistência.

Isso me fascina, entende?
Como me fascina também

eu poder trabalhar as palavras
com esse mesmo

domínio, entende? Que é um
domínio... você sabe, não é?

Muito relativo,

porque as palavras também

tiram o tapete da gente
com muita constância

porque senão a gente
não reescreveria.

A gente reescreve exatamente
porque a gente joga

umas frases no papel, e, de,
repente descobre o quê?

Descobre que não é aquilo
que eu queria dizer.

Então, você rasga aquilo,
reescreve,

reescreve de novo, reescreve,

até chegar a uma forma.

Se você for dar uma olhada
nos meus livros sucessivos,

eles são diferentes, cada um
é diferente um do outro.

O primeiro, dos mais famoso,
o "Em Liberdade",

aí já vai ser a questão
da política, da repressão, etc.

Tendo como personagem e narrador
o Graciliano Ramos,

mas já o "Stella Manhattan",
que é o romance seguinte,

não é tanto a questão
da liberdade, é muito mais
a questão da liberação,

é a questão das
minorias sexuais, etc.
Depois um outro,

"Uma História de Família",
já é a questão das doenças

que começam a surgir
na década de 90,
essas doenças mortais, etc.

Então, é um indivíduo bastante
doente, e assim por diante.

Quer dizer, cada romance meu,
cada livro de poemas,

cada ensaio, eu estou
sempre me deslocando.

Eu começo com o "Uma Literatura
nos Trópicos",

depois vou muito mais
para a questão do consumo.

E aí tem um título
que eu gosto muito, que é
"Vale o Quanto Pesa".

Que é o nome do sabonete, né?
É o nome do sabonete

e que eu usei como
uma metáfora para o livro.

"Vale o Quanto Pesa",
entende?

E naquela época em que entrou
a questão da lista
dos best-sellers,

a literatura de consumo,

e que deu origem finalmente

a Paulo Coelho, que é essa
literatura de fácil consumo.

Então, se eu não me engano,
é um dos primeiros livros
sobre isso.

Logo em seguida, eu já escrevo
"Nas Malhas da Letra",

que era um interesse meu,

era de fazer, realmente,
um balanço do Modernismo.

Porque a gente estava realmente
muito viciado em "Vinte e Dois".

A gente estava muito preso
a "Vinte e Dois".

Então, de repente,
o meu interesse
era desconstruir "Vinte e Dois"

e tentar entrar nisso,
que depois se tornou
um dos meus temas principais

que é a pós-modernidade.
Então, o primeiro livro

que começa a falar
de pós-modernidade,

tem um título, um ensaio
inclusive que é importante,

que é "O Narrador Pós-Moderno".

Que dá início a essas
questões sobre
a pós-modernidade no Brasil.

[Som de percussão]

Eu procuro sempre,
quase, quer dizer, levar

até as últimas consequências
esse compromisso
com o tempo presente,

assim como naquele celebre poema
de Carlos Drummond de Andrade,

a vida presente,
o tempo presente.
Eu sempre procurei,

como depois, eu tenho uns livros
inclusive, meio pornográficos

sobre a questão da camisinha
de Vênus, por exemplo,

que é "Falso Mentiroso",
que é uma questão
que se tornou também

de uma
importância extraordinária.
É um livro meio engraçado.

É um livro bastante...
É um livro...

É um livro, assim, meio
vulgar, entende?

É um livro bastante vulgar,
que eu escrevi de propósito,
porque...

E tinha essa intenção, de uma
determinada vulgaridade

que foi tomando conta.

É curioso isso,
como na medida em que a gente
foi ficando mais conscientes
dos problemas de saúde,
a linguagem
também ela foi se tornando
muito mais vulgar,
como todas as aspas.

Palavras que... eu me lembro
quando era criança,

lavavam a boca. Você sabia
que tinham mania,

quando o menino dizia
um palavrão, lavavam a boca.

Lavavam a boca com...

Não era expressão, não.
Era verdade, era verdade.

Porque era "boca suja".
Entende? Quer dizer...

Então, hoje a gente tem uma
liberdade de expressão
muito grande.

As próprias mulheres hoje,
elas usam com muita facilidade,

palavrões. Não é o caso de eu
ficar citando os palavrões aqui.

Mas usam com muita facilidade
palavrões.

E as classes populares
também usam
com muita facilidade palavrões.

Quer dizer, se tornou, então...
E isso também
me interessa muito.

A questão da língua.
Eu acho que eu tenho
um ouvido bom para línguas.

Assim como eu tenho um ouvido
bom para línguas estrangeiras,

eu tenho um ouvido
bom também para

essas mudanças sutis
de linguagem
que vão existindo no cotidiano,

no caso específico brasileiro,
porque eu escrevo,

na hora de escrever, eu escrevo
basicamente só em português.

Uma vez ou outra,
eu posso escrever

para uma circunstância
eu posso escrever
em uma língua estrangeira,

mas a minha língua
é o português, é claro.

E eu me expesso pelo português.

Mas eu sou muito sensível

e essas questões, entende?
No "Heranças", por exemplo,

eu tentei fazer um mapa
de Belo Horizonte,

o mapa evolutivo de
Belo Horizonte. Belo Horizonte
dos aos 30, 40,

que era um Belo Horizonte
do comércio,
das lojas de armarinho,
das costureiras, dos alfaiates.

Depois passando
para a década de 60.

É o Belo Horizonte pujante,
que vem da Pampulha,

aquela pujança que vem
da Pampulha ou, então,
da construção civil,

das imobiliárias, e depois...

Então, você vê o que
é a Belo Horizonte hoje.

Quando eu cheguei em
Belo Horizonte em 1948,

tinha 300 mil habitantes,
você pode imaginar.

E, de repente, hoje é uma
cidade enorme,

é uma cidade de uma pujança
extraordinária. E, finalmente,

essa coisa que
tomou conta também,
que é o mercado de capitais.

E como isso vai criando,
vai criando,
não só vocabulários novos,

atitudes novas e
comportamentos novos.

E até mesmo coincidente
que o término das costureiras,

que coincide com o começo
das Casas Sloper
e das Lojas Americanas,

que é roupa já feita. E as
costureiras passam a ser

apenas aquelas que têm
uma lojinha de consertos.

Coincide também com, de repente,

cortam uns belíssimos ficos

da avenida Afonso Pena,
quer dizer...

Eu sou muito sensível
a esses movimentos

e eu tento aproximá-los
naquilo que eu faço.

Porque eu acho que a maneira
como a gente compreende melhor

a cidade, compreende melhor
os habitantes,

compreende melhor o
comportamento das pessoas,

porque a linguagem, no fundo
é isso. A linguagem...

Qualquer pessoa, eu acho que
eu não estou exagerando,

todas as pessoas se traem

pela linguagem.

É a maneira como elas se traem.

E é maneira como
a gente as conhece

com mais profundidade.

A gente pensa que a pessoa
dizendo alguma coisa,

ela está se expressando
como toda clareza,
está sendo transparente, etc.

E não, pelo contrário,
a linguagem é um abismo.

A hora que você começa
a analisar a frase que
uma pessoa disse,

você vai vendo que abismo existe
por de trás daquilo

e como você melhor aquela
pessoa a partir disso.

Palavras corriqueiras,
palavras do cotidiano,

parece que guardam um potencial
de significação muito grande.

Então, eu sou muito sensível,
e eu acho que é isso
o ofício do escritor.

É ser sensível a palavra.
E é isso que é bonito.

[Som de percussão]

Eu tenho uma insatisfação muito
grande com o trabalho

quando ele terminou
de ser realizado.

Quer dizer, eu não consigo
ter orgulho daquilo que eu fiz.

Eu tenho muita dificuldade
de falar de mim mesmo,
enquanto escritor.

De dizer aquilo que eu ganhei
escrevendo tantos livros.

Eu não sei se eu...

mereço uma atenção especial,

além da atenção que
é dispensada aos livros.

A minha vida, eu acho que
é das vidas mais insignificantes
que eu conheço.

Quer dizer, porque que é
que Machado de Assis

nunca falou sobre ele mesmo?

Há um silêncio de Machado
de Assis sobre Machado de Assis,

que o torna insignificante.

E que torna muito significativa
os livros dele.

Quem é significativa é o livro,
é a palavra.

A figura do autor, ela...

ela...

é quase que transparente.

- Ela se esvai, não é?

- Ela é quase que transparente.

Ela não tem consistência,
entende?

Se ela tiver uma consistência
muito forte,

eu te garanto,
não é um bom romance.

O ficcionista,
ele se despersonaliza.

Por mais que essa experiência
seja muito da minha experiência,

é uma experiência
despersonalizada.

É uma experiência
que pretende

alcançar o outro,

não para que outro
me conheça melhor,

mas para que o outro
conheça melhor a ele mesmo.

E para o outro conheça melhor
a essa sociedade que eu
estou descrevendo.

Porque eu acho importante
para todos aqueles

que queiram ser ficcionista,
que a primeira coisa que
precisam de fazer

é esse exercício
de despersonalização.

Se houver um ofício
da palavra importante,
é que nessa parte do aprendizado

haja um esforço muito grande de
você se despersonalizar,

de você abandonar
as suas próprias ansiedades,

de abandonar os
seus sentimentos,

que, muitas vezes,
são os mais mesquinhos, viu?

O pior é isso.
É que os sentimentos,
quando você aproxima muito,

são os mais mesquinhos
e os menos interessantes,

e o que menos interessará
as pessoas.

Quer dizer, isso é que é bonito
quando você cria um personagem,

quando você inventa
um personagem.

Inventar um personagem é isso.

É dar uma significação
mais forte as palavras.

[Som de percussão]

"Amor não é crédulo deus

Cupido das telas -

menino de olhos vendados
a atirar flechas
nos corações cúmplices.

Amor, não existe em símbolo
ou abstração indiferente

ao corpo feminino real,
que circula ao meu redor

e apetece e excita
os cinco sentidos.

É intimidade a dois no interior
de uma quadrilha de ladrões.

Confunde-se com a sensação
de formar complô com o outro

a fim de executar a manobra
fatal e fatídica,

que une, estreita
e enriquece.

O amor armazena a emoção
de estar colado a companheira

por golpe de mestre.

Aliados, os dois se alçam
da Terra
para pode passar a perna

nas pessoas que lhes foram
queridas desde a infância,
desde sempre."

